
Prefácio

Conversa mole? Jamais...

Por Mário Sérgio Cortella¹

*“(...) o homem pode se ajuntar com as coisas,
se encostar nelas, crescer, mudar de forma
e de jeito...*

O homem tem partes mágicas...

São as mãos...

(Guimarães Rosa, Sagarana)

Uma das delícias da obra de Guimarães Rosa² é o conjunto de nove contos de seu primeiro livro, por ele chamado *Sagarana*, e que na oitava narrativa é uma *Conversa de Bois*.

São bois trocando ideias, enquanto estão na lida dura, desacreditando no bicho-homem e, ao mesmo tempo, admirando o bicho-homem; com um final justo e cruento, o conto traz muitas das visões que Rosa foi capaz de nos oferecer a partir daí, desde 1937.

Lá pelas tantas, um dos bois, após lembrar que só nós podemos “mudar de forma e de jeito”, fala das “partes mágicas” que humanos e humanas temos e deixa claro: são as mãos!

Símbolo forte da nossa possibilidade de viver e reviver com as “mãos” juntas, de mãos dadas, dando cada um a mão ao outro, cooperando e procurando (quando o Bom e o Belo são nosso horizonte), existir mais e melhor.

Cooperar, atuar junto, ser capaz de se juntar para edificar o inédito, revigorar o fundamental e proteger o essencial.

Cooperar! Disso entende muito bem o Luciano Lannes: escreve, medita, incentiva e pratica; apoia, defende, supera, reinventa e credi-

¹ Mário Sérgio Cortella: um dos mais conceituados filósofos brasileiros, professor-titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. Trabalhou com Paulo Freire e deste mestre muito aprendeu. Autor de obras maravilhosas como “Qual a tua obra?”, “Não nascemos prontos!”, “Não espere pelo epitáfio...”, “O que a vida me ensinou – viver em paz para porrer em paz”, “Política para não ser idiota”, dentre outros.

² João Guimarães Rosa (1908 – 1967): mais conhecido como Guimarães Rosa, nasceu em Cordisburgo, RJ. Foi um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Foi também médico e diplomata. Os contos e romances escritos por João Guimarães Rosa ambientam-se quase todos no chamado sertão brasileiro.

ta. Mesmo. Não é mera conveniência utilitarista ou manipulação conceitual para dar ares de que crê na força do “trabalho em equipe”.

A cooperação para o Lannes não é mero procedimento tático ou ferramenta eventual; é princípio ético, valor laboral e fonte eficiente.

Por isso, quando da leitura prazerosa deste livro, vamos nos lembrar que ele se fundamenta em autores e pensadores robustos, nos quais se baseia e recria a partir de suas próprias experiências; ele sabe que uma mão lava a outra.

Agora, como macaco velho não mete a mão em cumbuca, Lannes evita a imposição de receitas e a administração de remedinhas fáceis. Lança mão da Antropologia, da Psicologia, da Sociologia e da Filosofia para nos fazer pensar e agir.

Sabe ele que é melhor um pássaro na mão do que dois voando e não perde a oportunidade de nos sugerir caminhos e indicar roteiros possíveis.

Sabe ele, também, que nenhum leitor ou leitora chega com as mãos abanando; ao ler, trazemos as nossas histórias de vida, angústias, certezas e, claro, as nossas inquietações. Por isso, em nenhum momento ele nos trata como neófitos ou discípulos silentes e superficiais.

Como muitas mãos tornam o trabalho leve, cooperar é preciso. Mas sem a ingenuidade de supor que tudo está no reino das ótimas intenções e fraternais práticas. Sabemos, e ele não se omite ao nos advertir indiretamente que a mão que afaga é a mesma que apedreja.

Assim, com este livro em mãos, poderemos ter ainda mais certeza de que Luciano Lannes é teimoso e persistente (que nem os antigos bois-de-carro); ele continua acreditando que há alternativa para sermos melhores, mais justos e com maior felicidade partilhada.

Os bovinos de Guimarães prestariam muita atenção à ótima conversa que o Lannes aqui registra e, afastando-se até da sina do ditado popular, não conseguiriam nem ao menos cochilar...